

O crítico e ensaísta REDONDO JÚNIOR:

"Acredito firmemente na possibilidade de uma dramaturgia portuguesa!"

Dá-nos hoje a honra de um depoimento a todos os títulos interessante, o jornalista Redondo Júnior, um dos mais destacados ensaístas e críticos da moderna geração. Nas páginas do «Século Ilustrado», ou em livros—recorde-se «Pano de Ferro» e o recente «Encontros com o Teatro»—, Redondo Júnior tem afirmado a sua profunda cultura teatral, a sua visão do espectáculo-teatro e a sua imparcialidade.

Eis como o conhecido jornalista respondeu às perguntas do nosso inquérito:

— Como encara o presente momento do Teatro português?

— Muito mal. Todas as esperanças dos que acompanham atentamente a actividade teatral se concentraram no T. N. P., de Francisco Ribeiro. Ora, como já tive ocasião de escrever, a temporada do Trindade foi preenchida com três exercícios de encenação, sem qualquer significado, a não ser o de confirmar a competência do encenador—o que é muito pouco e não era necessário. Quanto custaram esses exercícios de encenação? O T. N. P. foi subsidiado oficialmente com 6.500\$00 diários. Pode calcular-se a média da receita diária, pelo menos, em 4.000\$00—o que corresponde a menos de um quarto da casa. Considerando a importância da folha de companhia e as outras despesas, retire-se da receita 1.000\$00 para juntar aos 6.500\$ de subsídio a favor do T. N. P., o que corresponde a um lucro líquido de 720 contos no fim de oito meses de exploração. Será para isto que se criou o Fundo do Teatro? Tudo o mais que se passou, na temporada que termina, não tem história. Não podemos esquecer, evidentemente, a revelação de «As Bruxas de Salém», mas o Nacional continua a ser um caso à parte.

— Acha que na orgânica profissional do Teatro português se têm feito as possíveis tentativas para que o teatro, entre nós, acompanhe os movimentos estéticos dos outros países?

— Não, senhor. Com excepção da companhia do Teatro Nacional



de D. Maria II e do T. N. P., nem de longe se observam as regras mais elementares da disciplina profissional. Quanto ao resto, estamos cinquenta anos atrasados—como no tempo em que se gerou em França o movimento de Copeau (1913). Os palcos não têm recursos técnicos, os reportórios sofrem de limitações catastróficas para o teatro, e os profissionais estão, na maioria, desactualizados e desamparados e carecem de espírito de missão.

— Se agora uma companhia aparecesse a apresentar os mais representativos textos do teatro moderno não traria ao público uma surpresa para a qual ele não está preparado?

— Já houve algumas dessas surpresas e o público quase sempre reagiu bem. E, quando não reagiu bem, de maneira geral, foi porque os encenadores não encontravam forma de transmitir, de explicar, plásticamente, os textos.

— Pode dizer-nos o que pensa de dramaturgia portuguesa, não só da actual como da antiga?

— Prefiro não me pronunciar sobre o assunto. Villaret dizia-me um dia que «Gil Vicente escreveu teatro medieval no princípio da Renascença». Nunca conseguimos

acertar o passo de então para cá.

— Dadas as características de vida do nosso país, poderá actualmente criar-se uma verdadeira dramaturgia portuguesa, aproveitando temas provenientes da nossa sociedade?

— Acredito firmemente na possibilidade de uma dramaturgia portuguesa. Já tivemos a prova de que podemos acreditar, com as tentativas, por exemplo, de um João Pedro de Andrade, de um Luís Francisco Rebelo, de um Romeu Correia, de um Jorge de Sena, de um Bernardo Santareno.

Entretanto, interrompemos o nosso colóquio, sorvemos mais uns goles do nosso café, Redondo atendeu o telefone e voltámos de seguida, ao questionário, perguntando:

— Acha que a Censura (como se tem afirmado), constitui um obstáculo insuperável para a existência de um verdadeiro teatro português?

— Claro que a Censura constitui um obstáculo insuperável—na verdade, o único obstáculo à existência de um verdadeiro teatro português.

— Quais os dramaturgos que gostaria de ver representados entre nós?

— Todos os autenticamente válidos. Que havemos de pensar de um teatro que desconhece, por exemplo, um Bertold Brecht?

— Pode apontar algum caminho prático para a solução da crise do nosso teatro?

— Estou farto de o dizer: o teatro não precisa de subsídios; precisa de liberdade. O resto virá depois. Claro que também é necessário eliminar de uma vez para sempre, os aventureiros, os reles comerciantes do teatro. Só devem ficar os que amam o teatro e querem servi-lo com dignidade, com nobreza e com humildade.

Terminara aqui a nossa entrevista. Redondo Júnior, como grande jornalista e ensaísta que incontestavelmente é, respondera com notável inteligência e clareza às nossas perguntas.

JOSÉ CARLOS ANDRADE